

Ativo de Lemos Sette Camara

**ROSA
DE
BRONZE**

São João del-Rei - 1977

Ativo de Lemos Sette Camara

**R O S A
D E
B R O N Z E**

AO LEITOR DESCONHECIDO

SÃO JOÃO DEL-REI — 1977

PASSE O ANO E A NOTÍCIA

(1959)

À meia noite, na Braodway e na via lãtea
festeja-se a passagem do tempo no vento.
Festeja-se o advento... e o coração estã frio.
Algo vibra, feroz, em carne viva
...mas a alma é ausente.
Circulam palayras, os olhos cintilam, e alma...
Oh! alma, difícil e pouca e preciosa.
como grama de rádio em tonelada de minério.

Casulo de tempo feito e por dentro vãcuo
ao limbo do passado o velho ano voa.
Oh! vós que transitais para o milênio próximo,
com braços de ferro, pela vida futura, as taças erguei.
Passe depressa a data e a notícia,
apresente-se outro enigma.
Viva o novo rei!

Possam gozar os mortos o que perdemos, tempo...
E que a primeira morte seja breve!
Nã dure alãem do que supomos humano.
Restitua-se ao tempo o seu demônio, a Pressa.
E a cada um de nãs, a paz do próprio esquecimento.

Ao museu da memória, a coleção dos dias estragados.
Um minuto de silêncio, pelos sonhos gastos, repetidos.
Miserere pelo tempo perdido, uma coroa de palayras.
Para a mosca do tãedio, haja ainda corações envelhecidos
e a mosca do tãedio jã renasce, a desovar novas larvas.
Que os dias e as rodas se ponham novamente a caminho!

...Mas o espectro do relógio, fiel escravo da engrenagem,
recomeça também seu maldito estribilho:

"time is money"...

Oh! Tempo, provisório inferno e recreio da Morte,
nossa alegre miséria te saúda uma vez mais,
(de profundis).

Em New York, à meia noite, com milhões de volts,
Avenida de gigantes, resplandece a Broadway –
via látea do homem para a escuridão da América.
Na paisagem lunar de Minas, com crateras de minas,
mão cheia de vento, brindamos à pátria de todos, a lua.
E só há uma novidade: a vida lá vai.....voando!

TERÃS ASAS

(1968)

Olha o céu e descansa
As nuvens estão lá
e a sombra das nuvens rola a teus pés.
Esquece os sonhos do passado porque o tempo
o tempo não volta, a roda é eternilenta.
E o sonho é orgulho vão, atrasa o amanhecer.
Esquece o futuro, presente dos vindouros.
Eles usarão o Tempo nas usinas
eles fabricarão botões com os nossos ossos.
Ese a dentadura for de granito plástico
vai ressurgir no céu da boca do antiquário.

Vive o presente e vamos de mãos dadas.
Eu te darei um poema feito em maio,
uma coroa de palavras mais que rosas
Eu te darei um diadema, o arco-iris
de tarde, depois da chuva, a luz do sol molhada.
Eu sorverei um sopro de alma em tua boca
e presa embora nos meus braços, terás asas.

ESTÁTUA

(1969)

Eis enfim a estátua do Homem-Comum.
Adivinho sua face, a lasca de granito
partida pelo raio e para o chão se inclina.
Calado herói de toda-hora, vero motor da História
o povo são milhões no pó, como cascalho empilhado
à margem do asfalto, depois do arame farpado.

Quem tirou o homem da funda paz da caverna?
Tinha lá calor de fogo aceso em vero amor
e comida de fruta silvestre, mel e bicho matado.
Quem entregou o povo ao demônio do Imposto?

Um abraço, amor. Esmago a rosa em teus seios.
E eis na praça, talhado em arestas de granito
testemunha da vida, o bedengô do Homem-Desconhecido.

E haverã tempo, paz e árvores para todos.
Música e amor, gente tranquila nos quintais,
e árvores-paz, árvores-paz, árvores-paz.
Ainda que na morte, gravado em rocha sô o nome,
Paz para todo o sempre e para todos Paz.

DEFINADO

(1958)

Chove depressa no dia de finados.
Florescem provisoriamente os perpétuos jardins de
mármore.

Ressoa no oco bronze o eco do tempo vão.

Relógio mágico, sô esta vez responde:

Quanto tempo teremos ainda?

Mas o lindo relógio, olho de vidro de tempo, nada vê
fascinado em seu destino de mecanismo infalível.

E seu coração de ferro sô registra o próprio enigma.

Por enquanto chove nas montanhas de Minas.

Ferrugem nas rodas, ressurgem as rosas.

Mil guarda-chuvas perdidos sonham com novos donos.

Serei eu meu além tûmulo?

Tateio a realidade, o que toco não me sente.

Vejo na rua as almas, são como pedras que andam.

NATAL

(1963)

Ao norte neva
no sul chove
a estrela se move
e o que o tempo leva
talvez esta noite
se renove.

Neste dia o lobo
de cada homem, cordeiro
quase pascal parece
e no presépio o musgo seco
reverdece.

Ora o comércio não funciona
nem o governo. Que bom!
Longe toca fino o sino
e entre o asno e o boi
dorme livre o Menino.

Flui a noite mais calma,
foi marcada uma trêgua:
na escura caverna da alma
o lobo, grave, em greve, espera
voltar amanhã sua vez.

Ao norte neva
no sul chove
o musgo reverdece
sorrimos, de mãos dadas
(ao menos esta noite.)

A pedra floresce.

DEPOIS DO NATAL

(1967)

Era tempo de confusão e pânico.
O boi saiu do presépio
e foi em triunfo para o matadouro.
O burro saiu do presépio
e se elegeu candidato à Prefeitura.
Os carneiros saíram do presépio
viraram povo à procura de novo dono.
Os reis magos saíram do presépio
e sem a estrela perderam rumo e reino.

A noite estava triste, de vento e neve:
pai e mãe saíram do presépio
em busca de fogo, pão e mel.
Alfim a estrela saiu do presépio
caiu no mar e se apagou.
Sozinho na escuridão
o menino ficou chorando
até o fim do mundo.

MESMO QUANDO

(Sítio do Roseiral Azul, 1946)

Quero que saibas que estavas em mim, mesmo quando
ao teu lado me calava e meu olhar vazio e abstrato
fixava um ponto, e o tempo fugia docemente.
O tempo fugia através dos teus cabelos, como brisa.
O tempo fugia pela minha boca: assovio, fumaça.
O tempo fugia docemente entre os nossos dedos, como água.

Quero que saibas que estás em mim, mesmo quando
piso a praia onde revoltosos e artistas esqueceram
um osso, uma medalha, uma balada - para sempre -
uma lembrança sem dono enterrada na areia.

Mesmo quando errava, e principalmente quando errava
estavas comigo, no sobresalto daquela angústia.
E batias nas minhas veias, mas sem dizer nada. Batias
como punho ferido, em porta estranha, de noite.
(Tua lembrança bate sempre em meu coração, mesmo quando
adormecido, meu corpo apagado é como um casulo vazio
de onde a borboleta voou, e o vento rola no olvido.)

Imagino que estou triste, mas basta que eu te veja
no instantâneo de vida, fixado naquele retrato.
Um sorriso na boca, uma flor nos cabelos.
E é como quando estava a teu lado e meu olhar
vazio e abstrato fixava um ponto e o tempo fugia.
O tempo fugia através dos teus cabelos, como brisa.
O tempo fugia pela minha boca: assovio, fumaça.
O tempo docemente fugia entre os nossos dedos, como água.

UM PAÍS

(1961)

Hã um país tão longe que os anjos morrem na viagem.
Hã um país fantástico, como um pedaço de lua.
Irreal de sonho e real de pesadelo
hã um país tão longe... Ninguém se lembra mais.

Hã um país no fim do mundo,
esperança é a primeira que morre lá.
Mas é cauto e breve o ranger de dentes,
que os dentes, sem força para o ódio,
são para o ofício do amor, tão difícil.

Hã um país absurdo como algo,
reino medieval com luz elétrica...
A vida é proibida lá e vaga
por subterrâneos caminhos de inseto.
E os meses em cadeia renovam sem mudar,
ao redor do gasto eixo, o pesadelo de agosto.
E milhões têm no rosto provisória sombra,
resto e prenúncio de eclipse da lua.

Oh! memória, nada guardas, vales menos
que jornal velho amarelado de notícias.
Oh! memória, múmia do tempo, tremente
teia de aranha entre corpo e alma.
Meu filho, hã um país longínquo...
Ninguém, ninguém se lembra mais.

Hã um país, ou não hã nenhum, nem homens?
Ou buraco de vácuo no ar, com lobishomens...
Trabalham de dia, pensando em outra coisa,
ã noite o corpo tomba na planície do sono,
e jazem sem sonhos, como sacos de areia.

Hã mesmo um país, mas tão longínquo
que o bandeirante perdeu a bota,
o nauta perdeu a rota,
o poeta perdeu a pauta,
seu Flausino perdeu a flauta
e os anjos, que vinham expressamente para nos salvar
os anjos, todos os anjos morreram na viagem.

GÁS E PAZ

Foi executado na câmara de gás Karil Chessmann, o jovem suposto bandido da luz vermelha". O governador Brown negou o indulto e no dia não compareceu ao Capitólio. (Dos jornais.)

Morrerã sozinho mas vigiado.
Morte ritual e grátis, dada pelo Estado.
Oh! Nem sinos, nem flores, nem jazigo,
sõ estêril cinza neutra que voa,
cinza com asas de telegrama, no vento...

Atenção! — grita o funcionário alto-falante.
E as testemunhas de ofício fixam o ponto
na verde solidão da câmara de gás:
a máscara de cal e sardas do condenado.

Acertem os relógios! Time is money.
Mas para ele tempo não é dinheiro.
E banzo murmura em delírio tranquilo:
— "time is life"... "time is life"...

Senhor, por que masca chicletes o verdugo?
Por que pixaram o mármore da Corte Suprema?
Por que Brown, o governador, não veio ao Capitólio?
Todos mascam agora o insolúvel chicletes,
e consultam os infalíveis cronômetros.
Isento e exato, bate a porta de aço o verdugo
— a porta monumental forjada em Pittsburg —
e puxa para trás a delicada alavanca...

Na cadeira de metal o condenado, sonâmbulo,
espera a morte selada que transita
lenta e fatal pelos canais competentes:
a morte de toga, que traz o livro de Ponto.

...De rosas da Califórnia sentiria o evocativo aroma?
Parece ter balbuciado: "Lucy... good bye..."
Ah, não é doce fumaça de incenso
que sobe do encerado lajedo
mas vapor de cianureto.
— Respire fundo...
Stop.

Na escuridão do cérebro se apaga a luz vermelha
ao débil sopro do final suspiro.
Desintegra-se o universo, em silêncio e vácuo.
E por um instante apenas algo flutua livremente,
alma suspensa entre o tempo e a eternidade...

Depois? A tática treva espessa.
E depois — e que mais?
Um longínquo, difícil paraíso.
Ou outro inferno.
Ou simplesmente o nada...

Marítimo vento, na cela vaga
balança uma camisa sem dono.
Voam gaivotas sobre a ponte de Golden Gate.
E o espírito do condenado se desfaz em gás,
em palavras se esvai o mais novo fantasma:
— "time... is... life..."

(Chessmann, resquiescat in pace).

A ESPERA

(1941)

Ouçõ às vezes uma fuga de pēs bailarinos na estrada
e chego ã janela alvoroçado e nada vejo
sõ folhas mortas que o vento revira no pô sem memõria.
Sinto às vezes um frígido calafrio de aviso
e olho para trás de repente, no alvoroço da boa-vinda
e sõ vejo a sombra da noite
na qual minha cabeça é lâmpada errante.

Sõ em sonhos eu te vi realmente uma vez,
Oh! tu, que estãs caminhando fatalmente para mim,
de raça em raça e de idade em idade,
fatalmente, como o rio para o oceano
a noite para o dia, a vida para a morte
e o temporal para o eterno
Mas a mesma misteriosa força que te trouxe
ã trágica superfície do meu sono de homem
te levou pelos límpidos ares como fumo,
logo que as pâlpebras se abriram
e o olhar se perdeu no azul do espaço morto.

Chegarãs ainda a tempo de me salvar de mim mesmo?
Ou tardiamente, sõ para pôr terra em minha boca
e ungir o meu corpo com o teu sangue e lâgrimas?
Ah! tuas lamentações entrariam pelos meus ouvidos violados
violados pelo clarim do anjo cego da morte
e ã-tõa ecoariam dentro do meu coração esvasiado.

Acaso chegarás, sendo eu ainda vivente
embora mais e mais e mais esgotado?
O encontro dos nossos destinos seria um deleitoso
inefável, inesquecível episódio.

Deste abandono penso em ti e olho o céu
onde uma estrela acaba de se mover, repentina.
Quem sabe não será o sinal da tua próxima vinda?
Ou o que vaticina aquela estrela cadente
é queda mesmo e desencontro sempre e sem remédio, fuga?

IN MEMORIAM

O estimadíssimo Frei Norberto Beaufort, professor de Física e Química, morreu em 3.5.1960.

Alta madrugada viajou rumo à Via Látea,
através de neblinas e chuvas finas de Minas passou voando.
Entre palmeiras reais e véus de Maria, em maio,
além adros e pontes e anjos de pedra... voando!
Enquanto jazíamos no sono, como manequins fora de uso
ou estátuas recusadas, à espera de dono um dia,
já ele ia, com visões de outra vida nos olhos limpos — —
voando!

Pelas frias vidraças do Laboratório vago
passava a claridade das longínquas estrelas,
quando passos de sandálias vazias cruzaram o claustro...
Então, a solidão — ácida — avermelhou o papel de tornesol.
E congelou-se, no zero, a gota de mercúrio do barômetro.
E sozinha, a máquina pneumática fez perfeito vácuo.
E parou na hora exata o infalível cronômetro...

Era um átomo radioativo, perdido na tonelada de minério.
Ora invisível, emite sinais misteriosos...Irradia!
E sobre viadutos de cristal e estranhas auroras boreais,
alma... alma... alma... alma... alma, vai voando!
Frio? Nunca mais sente, vestido de Pobreza.
Distâncias? Sem o Tempo que as mede, não são nada
para o andarilho do além, na eterna via,
pisando chão de estrelas, calçado de sandálias.

... De profundis?

Alléluia!

Não jaz.

Viajou.

E antes que o sol com manchas surgisse por detrás dos
túmulos, Norberto sorrindo chegou à porta do Paraíso.

PLUVIAL POEMETO

(1969)

Algures chove tarde, e foi
adãgio tempo e cova rasa
de Amadeus Wolfgang Mozart.
Agora ã canto plano vãõ,
sem reza nem rosa,
rasa cova sem cravo,
mais ninguẽm nem nada.

Algures chove tarde, e anjos
ora fugidos do terror urbano
tocam verdes violinos de limo
no desvio onde deixaram Mozart –
relõgio de areia piano,
argila rasa sem reza,
rosa de chuva sonata.

FINDO BORIS PASTERNAK

(1960)

Prêmio Nobel de literatura, foi impedido de recebê-lo, pelo governo soviético. Morreu pouco depois, com câncer no pulmão. (Dos jornais.)

Jã sem problemas nem poemas foi-se Pasternak
num esquife de pinho com aroma de resinas.
Sem cifras nem foice e martelo, foi-se.
Pasternak é ausência pura!

Jã não fuma arquejante, soltando ardente fumaça
qual barco de lenha, sonâmbulo, vogando no Volga.
Jã não tosse, batendo no peito sem bálamo
onde o câncer devora pulmão com crateras de lua.
Nem salta barricadas, gritando no sonho: "swoboda!"

Jã não é como nôs, civil gado entre Os Dois:
carne-para-canhão dada ao poder dos trusts
carne-para-canhão, dada ao poder dos soviets.
Incorpóreo, vai sem pressa, não puxa fio de memória,
vago rei do país das nuvens, sem leste nem oeste.

Foi-se sem carimbo de foice e martelo.
Seu fantasma com flores, condensado em radiofoto
voou no fim de maio, enredado em outras notícias.
Sim, desde o subway o ronco das rotativas se ouvia.
Guerra? Paz? As palavras em chamas batem no jazigo.
Em vão!

Pasternak em silêncio espera a ressurreição um dia.

MATARAM LUMUMBA

(1961)

Com o dedo no mapa procuramos o Congo.
E eis ali o exato ponto preto
diminuto qual escremento de mosquito.
Ali é Katanga. Ali morreu Lumumba.

Bate o tantam no Congo
de colina em colina e de floresta em floresta
é um colar de tambores no chapadão do tempo
bate o afro telégrafo: - - - Lumumba morreu.

Patrice Lumumba, preto de alma branca
doutor de Oxford libertou o Congo.
Por isso foi preso, levou pancada de capanga
sofreu castigo feio, ficou banzo.
Foi morto qual boi no matadouro
Patrice foi morto
na prisão, em Katanga.

Onde a linha do equador cruza o meridiano
ou em outro imaginário ponto escrito está
na taboleta, com letras de sangue quente:-
""imperialists go home""
E o fantasma de Lumumba desce o claro e longo Congo
murmura rio abaixo: "go home"

NOTURNO DO QUILOMETRO 120

Arcozelo, fazenda-hotel. 1943
Esboço de elegia para Edelweiss.

Por algum tempo ainda ressoarão as vozes e os risos
na vasta sala, sob os tetos da mansão,
e também entre a folhagem das árvores em cuja sombra
nos sentávamos - todos - para sonhar
e era uma sombra azul perfurada de sol.

Depois o tempo levará as vozes (menos aquela
que me evocava uma ária de Juan Sebastian Bach
tocada por anjos em violoncelos de limo.)
E lá tornando verei com outros olhos uma paisagem
de pedra, onde será muito triste vaguear
à procura dum vestígio.

Ai! de mim, que sō tenho amor. (E porque foges, oh, alma.
porque foges num frêmito, sem deixar um sinal?)
Ai! de mim, cujo coração é fino
e seco como um violino.

Pudera eu esta noite adormecer para sempre
junto à ponte do arroio, à sombra dos eucaliptus
e virar uma pedra à beira do caminho rústico,
um dolmem contendo misteriosas inscrições,
teu nome, tuas datas e a gravura daquela flor veludosa
que se inclina para a neve, nos cimos inatingíveis.
E de mil em mil anos ser descoberto por um pobre
que descansasse sobre mim a esvasiada cabeça,
a cabeça que já não sonha porque alfim aprendeu
que o sonho é orgulho vão, atraza o amanhecer.

Debaixo do céu estrelado que é um campo de lírios
há pouco se abriu no lago das carpas a flor de lotus
E a lua cheia sobe por detraz das nuvens movediças
que o vento das almas transfigura em anjos, cavalos alados,
veleiros, castelos, resplandecentes fantasmas.

Na escuridão evanesce o trilho do Roseiral,
atalho que descemos numa tarde virgiliana,
tangendo diante de nós os bezerros de pernas vacilantes
e assustando as aves já escondidas nas moitas.
É do retiro do Roseiral que vem o trilo dos grilos,
o latido dum cão vagabundo perdido do dono
e a música duma sanfona tocada por toscas mãos.
Respirando o grande ar noturno saturado de alecrim
navego apagado entre as pequeninas luzes tracejantes
dos pirilampos. (Oh! alma, porque foges num fremito
sem deixar um sinal?)

Ah! Como olvidar a chuva no lago de Javari,
a chuva que o vento agitava como um véu - de noiva -
entre as árvores flexíveis e os bungalows da colina?
De repente Edelweiss entrou correndo na varanda;
ria, encharcada de chuva, com uma flor nos cabelos.
Assim entra a aurora na cabana dos humildes
e a alegria no inútil coração dos solitários.

Rede, docemente baloiçaste meu corpo no abismo,
docemente, debaixo das mangueiras, valsamente;
mas quem recolherá em outros ouvidos assim puros
as palavras de amor que era necessário calar
e cuja angústia me fez parecer estranho, duro,
(eu, que sou o mais simples, o mais delicado,
o mais sensível e humilde dos homens?)

Oh! chão sonoro sob a minha bota e o meu cajado;
Oh! chão, que estremece à passagem dos trens e dos
ciclones

e ressoas sob os cascos curvos dos animais
e te desfazes de vagar, ferido pelo vento e pelas águas;
oh! chão, de onde um dia me ergui balbuciando
- acaso a primeira sílaba do teu nome? -
e em cuja soledade mãos apressadas me enterrarão:
eis que me deito no escuro, à beira deste arroio, -
não para dormir, morrer ou meditar um poema
mas para esperar - até o fim do mundo? - milagre
que tem sido dado (e às vezes sem sofrimento) a tantos ho-
mens.

Ai! de mim, amor, que sou um grão de tempo.

ESPEREMOS MAIS UM DIA

(1968)

A estrela cai na escuridão,
ninguém sabe quando volta
ou se virou cinza erradia.
Vamos andando de mãos dadas
enquanto a estrela não volta.
Esperemos mais um dia.

Nosso jardim tinha uma rosa.
Quem a colheu com mão fria?
Plantemos nova roseira e outra rosa
irá de mão em mão em nossa roda.
Esperemos mais um dia.

Não temos tempo para nada,
onde era vida vira caverna vazia.
Vivemos depressa, de espasmos e espantos
mas por dentro somos outro. Sonhamos.
Esperemos mais um dia.

Quem vem lá? É a morte?
Cada um vai calado e sem companhia.
A estrela cai. A vela do tempo se apaga.
Choramos ou sorrimos? Ninguém sabe.
Mas por dentro somos outro. Sonhamos.
Esperemos mais um dia.

A PROCURA

(1964)

Senhor, gritei teu nome na Bolsa
mas a voz se perverteu naquele antro
e de volta soou no oco o eco: "dólar".

Gritei teu nome na Câmara
os deputados inclinaram as cabeças
atentos ao realejo dos discursos.

Gritei teu nome no estádio
ninguém ouviu e a multidão
atrás do gôl urrou: hurrah!

Gritei teu nome no templo
e os fariseus me olharam em silêncio,
batendo com fúria nos peitos de ouro.

Gritei teu nome na rua
os apressados disseram sem olhar: morreu.

Gritei teu nome fora dos muros da cidade:
não havia mais campo, nem água, nem povo,
sô o chão parado da pátria em lotes
sô o pô dividido e uma tabuleta de lata
com a legenda em ferrugem: "tem dono."

Gritei teu nome na passagem do ano
porém o anjo da esperança não ouviu
e o demônio do cronômetro assoviou no vento
fiu – fiu...

Gritei teu nome diante do espelho,
ali minha imagem era um sudário de fantasma
E o espelho se partiu em mil pedaços
E em cada caco a miniatura de minha imagem
ardia como estrela de fogo
em poço de petróleo,
ardia como gota de vidro
em olho cego de mendigo.

OLHOS NOS OLHOS

Eu te amo com
saúde de não seres minha.